



Entre a instituição e o cinismo¹.

Frei Paulo Sérgio Cantanheide Ferreira, OP²

Normalmente quando dizemos que uma pessoa é cínica estamos nos referindo a alguém não muito bem apreciado do ponto de vista da moral e da ética. Isso porque atualmente o cínico é alguém dado à desfaçatez, ao deboche, ao sarcasmo e outras adjetivações não muito bem-vindas. Porém, o cinismo é uma corrente filosófica que remonta as origens da filosofia grega. Foi Antístenes, discípulo de Sócrates, que deu origem a essa linha de pensamento que em sua fase inicial defendia uma postura de vida avessa à certas convenções sociais como a busca de dinheiro, de fama, de luxo e de poder, pois, segundo ele, essas coisas eram empecilhos para uma liberdade plena, capaz de garantir a felicidade em sua maior completude.

A origem da expressão cínico também está relacionada à palavra cão, visto que o templo onde os filósofos adeptos dessa linha de pensamento se reuniam recebeu o nome de um alimento, na época, oferecido aos cachorros. Outra tradição afirma que a analogia se deve ao fato de o estilo de vida, adotado pelos referidos filósofos, voltado para o despojamento e a renúncia se assemelhava ao estilo de vida dos cães, que desfrutavam de uma existência tranquila e afetuosa estando totalmente indiferentes ao desejo de fama, poder e dinheiro.

Em sua origem o cinismo se aproxima de algumas práticas religiosas que veem a abnegação como valor necessário para a boa qualidade de vida e para uma existência coerente. De modo que, para se compreender o cinismo dentro de uma leitura dialética da sociedade, é necessário que se tenha em mente duas noções: primeiro que as convenções sociais são ao mesmo tempo inevitáveis, necessárias e contraditórias, depois, que é natural a existência de indivíduos, no seio das sociedades, que adotem princípios existenciais que não se conformam a tais convenções. Nesse sentido a postura do sínico pode levar a sociedade a fazer uma autocrítica. Até aqui estamos dentro de uma relação social normal e salutar para qualquer sociedade.

Ao longo da história tanto a noção de convenção social como o conceito de cínico vão sofrer transformações. A partir do início do século XIX o cinismo vai se aproximar muito de um sentido de desdém frente às convenções e normas estabelecidas e aos poucos vai resvalando para a esfera da imoralidade. Nesse mesmo período algumas convenções sociais vão se consolidando e adquirindo força de lei a ponto de tornarem-se instituições de caráter social, político e jurídico dentro da estrutura do Estado democrático de direitos.

¹ Artigo publicado em O Popular, jornal diário de Goiânia, p. 3.

² Pároco da Paróquia São Judas Tadeu em Goiânia; Prof. da Universidade Estadual de Goiás – UEG Campus Cora Coralina em Goiás – GO; Especialista em Direitos Humanos; Mestre em Educação, Linguagem e Tecnologias – UEG e Doutor em Educação – Universidade Federal de Goiás – UFG.



Dado a mudança de sentido emitida às duas expressões, a contemporaneidade estabelece um abismo entre o sínico e o institucional, de modo que a inserção do primeiro no âmbito das instituições causa sérios danos à sociedade como um todo. Eis aqui o drama do Brasil no momento em que vivemos! Presenciamos o cinismo, no sentido recente do termo, adentrar instituições que são vitais para o Estado e a democracia.

O fato de presenciarmos um assessor internacional da Presidência da República fazer um gesto que evoca a supremacia racial branca em uma cerimônia oficial do Senado Federal só corrobora com o que se está afirmando. Como guardião de uma constituição que nega a desigualdade racial, para o Senado da República a atitude de Felipe Martins não pede ser encarada como um mero gesto aleatório.

Esse é só um exemplo de como o deboche e o cinismo, no sentido recente do termo, tem se tornado explícito e comum nos espaços das instituições democracias brasileiras. Sem muito esforço pode-se enumerar vários outros.